

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial do F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

As folhas da facção querendo lançar alguma idéa odiosa sobre a queda do ministerio transacto, explicam-a pelo receio, que tinha esse mesmo ministerio de dar contas ao corpo legislativo dos actos que havia praticado. Como é grosseiro embuste! Dos ministros, que formaram o gabinete de janeiro, cinco são membros do corpo legislativo: dous senadores e tres deputados, apenas o ex-ministro da guerra não é membro de nem-uma das duas camaras: não terão pois de responder os cinco, pelo que fizeram? E' preciso suppor-os muito cobardes ou muito estupidos para presumir, que se por ventura algum de seus actos for censurado, não tenham animo de se apresentar a defender-se. Qual seria, já não dizemos algum dos cinco ex-ministros, porém qual seria o homem, que tendo tido a honra de fazer parte do concelho do monarcha, sendo censurado em face, se pudesse conservar mudo? Não; não é isso cousa possível, e por isso desafiamos qualquer dos da patriótica sucia, a que peçam explicações a qualquer dos ministros demittidos; verá como promptamente tem a resposta.

Mas, porque serão elles censurados? qual será o motivo da censura? por mais, que consideremos a historia de cada uma das repartições publicas, não vemos quaes possam ser os capitulos da accusação, e de boamente aceitaríamos qualquer explicação, que a respeito nos quizessem dar nossos adversarios; porque até hoje temos ouvido e lido fôfas declamações, porém accusações positivas, ainda nem as lemos nem as ouvimos.

Porque será accusado o ex-ministro da guerra? por quasi estar restabelecida a paz no Rio Grande? E' dos objectos d'aquella repartição, o que mais dá nos olhos: e justamente é aquelle, em que mais primou a repartição. Será esse o objecto da accusação?

Na repartição da justiça, será a accusação por se ter conservado em paz as provincias? quando ameaças feriam de toda a parte e todos os dias, o gabinete entregou a seus successores em paz o imperio, (a excepção do malfadado Rio Grande cujas discordias datam de mais longe.)

A repartição da fazenda marchou desassomburada: sem emissão sensível de apolices, e sem sensível emissão de papel, o ministro achou sempre na praça os fundos precisos com o pequeno juro de 6 e 6½ por cento: passou para Londres sommas enormissimas, que podem dispensar por agora o actual ministro de fazer remessas em

generos ou dinheiro: e qual a baixa do cambio? Sempre a um preço; porque quando a praça sabia desses saques, já elles estavam effectuados. Não queremos deslustrar nem-um dos ministros anteriores: alguns tem occupado a pasta da fazenda, em cuja marcha, nada temos tido que notar, antes que elogiar: mas soímos obrigado a confessar por amor da verdade, que o Sr. Joaquim Francisco Vianna, é talvez o ministro mais felis em suas operações, que tem tido o Brasil. Sobre tudo porém nunca nos esqueceremos, que foi de sua repartição, que sahio o serviço mais importante, que pelo transacto ministerio foi feito ao paiz: fallamos dos esforços para o augmento de nossa receita. Todos eram solidarios; medida nem-uma de importancia era tomada sem o mutuo accordo; mas assim como o ministro, que referenda a ordem illegal cabe á responsabilidade, assim tambem a aquelle por cuja repartição se fez o serviço mais importante, cabe especial elogio.

Na repartição dos estrangeiros vemos o governo lutando com as mais graves difficuldades, mas ao mesmo tempo o vemos ir vencendo todas. Os inglezes desgostosos porque não esperam a continuação da chuchadeira do tratado, porque viram repellidas as pretenções, que mostraram pelo seu Ellis, e o nosso ministro mandado a Londres não levou propostas, que lhes agradassem, os inglezes por toda a parte, que podem, nos suscitam embaraços: em Montevidéo, e Buenos-Ayres sobre tudo se tem mostrado nossos figadaes inimigos, ao mesmo tempo, que aqui fazem as mais insolitas reclamações: mas o ministerio transacto defendeu sempre corajosamente os interesses e dignidade do Brasil, de modo, que o actual ministro encontra a estrada aplainada, e um bellissimo exemplo a seguir.

E por ventura seria na repartição da marinha, que cincoou o transacto ministerio? Para convenceremos que não, bastariam as excepções, que do respectivo ministro fizeram sempre os órgãos da facção. Não é porque o Sr. Torres seja menos avêssio as idéas extravagantes, que ella professa, não é, que pelo contrario não seja um dos mais decididos e valentes campeões do partido da ordem: mas o Sr. Torres tem tido a habilidade de obrigar a elogial-o os seus mesmos inimigos. Os melhoramentos da repartição de marinha estão patentes a todos: nossos navios de guerra shi correm os mares; nossos arsenaes apresentam os mais sensiveis melhoramentos; mas onde sobre tudo primou o ex-ministro foi na economia, de mo-

do, que sem faltar ás necessidades do serviço, mais de 500 contos de divida atrazada, foram pagos no primeiro semestre do anno financeiro, que corre. Que bellas esperanças não cortou a demissão do ex-ministro da marinha! Contavamos, que duas grandes barcas de vapor de força de 250 cavallos cada-uma, viriam brevemente fazer o serviço do estado: e hoje?... o que fará o actual ministro?

Na repartição do imperio os serviços são menos brilhantes, mas nem por isso de menor alcance: um por todos: a acertada escolha dos presidentes para as provincias, e a conservação de alguns melhores, que já lá existiam apesar de algumas vozes frenéticas. E' dos presidentes, que em grande parte depende a paz provincial; o ministro, que bem os escolhe, merece sinceros agradecimentos.

São estas as contas que o ministerio transacto tinha de dar ás camaras; e estas contas lhe dará, quando as camaras lh'as pedirem, quando qualquer lh'as pedir. O ministerio de janeiro nunca se envergonhará de seus feitos. O ministerio de março havia debellado e vencido a rebelião, mas deixou ao de janeiro a tarefa de curar as chagas da guerra: e elle conheceu sua missão e a satisfez. O ministerio de janeiro tem direito aos agradecimentos do Brasil: não foi receio de especie alguma, que o obrigou a deixar a poder.

#### DURAÇÃO DO MINISTERIO.

O *Pharol* escrevendo sobre esta materia algumas linhas, tratou o objecto mui ligeiramente: e todavia merece ella ser examinada com algum cuidado, e lhe agradecemos ter-nos suscitado a ideia. Se o ministerio não tem de durar, se dentro de poucos mezes seus membros têm de largar o poder, suas ordens serão fracamente executadas: nosso estado é um estado de transição, em que todos têm os olhos no futuro e ninguem no presente: em que o presente é sacrificado a um futuro incerto, e em que por consequencia não podemos marchar bem. Quem serão os novos ministros? perguntarão todos: que politica ou vistas administrativas terão? E nesta incerteza tudo será languidez. Mas se nada ha, que possa presagiar a proxima queda do ministerio, então as cousas marcham bem; a administração caminha afoita.

E durará muito o ministerio? E quem o sabe? E ha razões para suppor, que durará muito? Ha para sim, e ha para não: por ora ha mais para não, do que para sim.

Attendendo aos motivos, que originaram a sua existencia, o ministerio não pôde durar muito. Como fizemos vêr em o numero passado, a queda do ministerio transacto proveio de uma liga dos inglezes, com um grupo, que ahí existe chamado da Joanna. Ora, os inglezes hoje têm a animadversão geral do paiz; e o grupo da Joanna tambem a tem. Nos inglezes suppoem-se o desejo de reduzir o Brasil á miseria, já difficultando a entrada dos braços africanos, de que tanto carece a nossa lavoura, já querendo obter, e empregando todos os meios para obter um tratado de commercio todo em sua vantagem, e por isso detendo nossos navios, a pretexto de que se empregam no commercio da escravatura, já fazendo as mais extraordinarias exigencias, já suscitando-nos serias difficultades em Buenos-Ayres e Montevideo: de modo, que se Bento Gonsalves conseguisse obter um porto de mar, a cada momento esperaríamos vêr acreditado junto a elle um agente inglez. E tudo só para nos fazer com-

prar cara a protecção da Inglaterra. No grupo da Joanna suppoe-se uma potencia anticonstitucional, que illudindo o monarcha, consegue pôr péas ao governo; e por esse modo se explicam algumas anomalias, que de vez em quando apparecem.

E repare-se bem, que nem em o numero passado dissemos, nem neste dizemos, que exerça a Joanna influencia directa sobre o animo de S. M.: não: é uma influencia indirecta, muito indirecta, cujos effectos são mais perniciosos. Se alguém, que não fossem os concelheiros legaes da corôa, tivesse a audacia de profeir uma só palavra a S. M. sobre a administração do Estado, e sobre tudo para contrariar as vistas dos poderes legislativos, estamos certo, que muito mal recebido seria: é outra a tactica; são outros os meios: são insinuações muito indirectas; é sómente lançada para germinar e produzir fructos em tempo.

Provindo a queda do gabinete transacto da influencia ingleza e da Joanna, e sendo essa a primeira origem do gabinete actual, á vista do estado dos animos, o actual gabinete deve necessariamente encontrar uma indisposição, que lhe assegura pouca duração.

E as camaras se encerraram em outubro, dando ao gabinete transacto immensa maioria: como olharão para um gabinete novo, quando factó nem-um appareceu importante na politica ou na administração, que nos passados ministros fizessem perder a confiança, que das camaras haviam obtido. Se a demissão desse gabinete fosse por questão suscitada entre os ministros, e por tanto divergencia no ministerio, facil seria a qualquer outro obter igual confiança; mas não tendo havido essa divergencia, e tendo a medida, que produziu a demissão, sido reclamada pelos seis ministros, não é de modo algum presumível, que igual confiança lhe possa merecer o actual.

Que confiança pôde merecer um gabinete, que no fim de quatro dias depois de activo recrutamento, só contava quatro membros, e que ainda hoje (11), só quatro membros conta? Que confiança pôde ter um gabinete, que ainda nos não disse o que é, nem o que quer?

Ha homens, que só por si symbolisam um pensamento politico: quem diz Antonio Carlos diz anarchia: quem diz Vasconcellos, Torres ou Honorio diz monarchia constitucional e ordem: mas o que exprimem os nomes dos actuaes ministros?

O Sr. José Carlos pertenceu sempre ao lado, em que figuraram e figuram os Honorios, Torres e Paulinos: um degraçado discurso, que proferiu sobre os acontecimentos de S. Paulo, lhe alienou por algum tempo alguns animos: todavia nunca perdeu a amizade das pessoas mais notaveis do nosso lado. Nem-uma razão ha pois para suppor, que esse Sr. queira seguir uma politica diversa daquella, que seguiu o ministerio passado, e que o elevou á posição, em que se acha.

O Sr. Coelho apoiou sempre o gabinete de setembro e o transacto: o Sr. Ernesto França, ao gabinete transacto deveu a sua eleição: o Sr. Alves Branco, foi inimigo constante dos homens de julho de 1840.

O ministerio todo pois, tem presumpção a seu favor, de ser ordeiro. E se o for, se se declarar francamente, porque razão o partido ordeiro o não apoiará? Não pôde haver nem-uma, porque nós, os homens da ordem, só trabalhamos pelos principios, e de modo nem-um pelos individuos. Pouco nos importa, que os ministros se cha-

mem assim ou assim: apoiamol-os, porque sustentam nossos principios. E se a grande maioria, que apoiou o ministerio de janeiro, apoiar o actual, porque não será elle duradouro?

E o Sr. Saturnino? E' verdade: o Sr. Saturnino ainda pôde servir de pretexto a novos manejos dos inglezes e da Joanna: a causa proxima, que motivou a queda do gabinete transacto, isto é, a eleição para senador, já não existe; porém causas, ou antes pretextos não faltam: a cada canto nascem; e os inglezes hão de trabalhar com a Joanna, se o actual gabinete lhes não for favoravel.

E o actual gabinete será favoravel aos inglezes? O Sr. Alves Branco foi o autor dos artigos additionaes ao tratado da extincção do trafico; porém muita gente, que nesse tempo pensava de um modo, hoje pensa de outro. A extincção da escravatura seria um beneficio para o Brasil, se fosse possível substituir os braços escravos por braços livres: mas estes onde existem? E o Sr. Alves Branco não pôde ser tão destituído de senso, que não tenha conhecido o máo passo, que deu. Se porém insistir, então de certo verá contra si a indignação geral.

Em resultado, o que pensamos sobre a duração do gabinete? que depende absolutamente da manifestação do pensamento politico do ministerio: na sua mão está conservar-nos todos na incerteza, e por consequencia o paiz sem poder dar um passo, ou tornar-se firme, e assim poder dar livre direcção aos negocios.

#### O PAPÃO.

Fujam, fujam todos, que temos papão: temos a dissolução da camara dos deputados; o *Pharol* o exige, e nem quer saber se o ministerio terá ou não apoio: nada, não é preciso dissolução já, já. O ministerio de março devia esperar conhecer o pensamento da camara, para ver se tinha ou não apoio nella: e só não o tendo, podia dissolver: mas o ministerio actual não; deve dissolver já já.

Cuida o *Pharol*, que nos mette medo? Pois dissolva-se a camara dos deputados: que nos importa? Cuida que damos grande importancia a esse acto? Quando S. M. quizer: é prerogativa sua, prerogativa livre, que não tem condições, porque a do bem do Estado é muito bonita escripta no papel, mas em realidade quer dizer quando S. M. quizer. Dissolva pois S. M. a camara dos deputados: asseguramos ao *Pharol*, que ficaremos muito tranquilllos em nossas casas. Sabe o trabalho, que teremos? será o de cuidar em outras eleições, porque sempre será preciso dar a ellas alguma attenção; mas, outro não teremos.

Desengane-se o contemporaneo: temos que uma dissolução é uma medida muito ordinaria. E não receiamos o combate legal; pelo contrario estamos prompto para elle. Tantas vezes o temos dito! E já demos o exemplo. O que fizemos em 1837? combatemos legalmente. E o que fizemos em 1841? legalmente combatemos. E em 1837 e 1841 conseguimos a victoria. Estes dous factos nos fazem tão ufanos, que não recusamos o combate; pelo contrario o provocamos.

Quer o contemporaneo saber qual seria o resultado das novas eleições? O mez de janeiro deste anno lh'o dirá. O Sr. Saturnino ligado com a Joanna, protegido pelos inglezes, favorecido pela facção, que expôs a sua causa; servindo-se contra o governo da influencia do emprego, que lhe conservava o governo, teve apenas a terça parte

dos votos, que teve o Sr. Andréa, o candidato menos votado, dos que offereceu o ministerio.

Querem-o mais claro?

#### BELLEZAS DO PHAROL.

O nosso amigo *Pharol* modelo de polidez (nunca nos esquecerá o favor, que nos fez) ahí está ministerial ás direitas: e por isso acha muito inutil, que o ministerio pratique acto algum, que seja significativo de suas opiniões. — *Não vemos perigo algum*, diz elle, *nem para a estobitidaae do ministerio, nem para o paiz, na falta de uma declaração positiva a favor de qual dos partidos.* — Chama-se a isto politico de mão cheia. O gabinete pôde deixar a todos na incerteza; podem todos ignorar o que elle é, que dahi nem resulta perigo para a sua estabilidade, nem para o paiz. Os empregados poderão olhar o ministerio como provisório; os partidos combatel-o ou apoiol-o sem causa justa; mas que importa isso? nem o ministro soffre, nem o paiz.

Por muito pouco, conta o contemporaneo aquelles, que apoiaram o gabinete transacto. Temos nós dito, que esperamos pelos actos ministeriaes para sabermos de que lado nos poremos: mas o contemporaneo entende, que isso nada vale: nosso apoio ou nossa guerra são inteiramente indifferentes. (Por nosso apoio entendemos o de todos os que apoiaram o gabinete passado; não é só o apoio do *ECHO*.) Todos os gabinetes trabalham por obter a maioria por toda a parte: é esse um dos seus deveres, empregando para isso meios justos e legitimos; apenas para nos declararmos, pedimos uma pequena explicação: o *Pharol* julga tudo isso indifferente!

Bem percebemos o contemporaneo: tem medo: e é isso muito natural. Se o ministerio abraça com pequenas modificações os pensamentos do miuisterio de janeiro, o contemporaneo terá de cantar a palinodia; e isso é triste cousa. Se o ministerio se declara em opposição ao seu antecessor, nós lhe declaramos guerra, e a victoria do gabinete soffre muita duvida. Nesse caso, o melhor é estar calado: resta o direito de explicação a todo o tempo.

Em resumo, dizemos ao nosso amigo: esta doutrina será boa: esse proceder será excellent: mas franco, mas doutrina digna de seguir-se, isso não é.

#### MUDANÇAS.

A facção representada pelo *Pharol*, (triste representante!) pede já a mudança de alguns presidentes. Isto não é ser reaccionario, qual? E o ministerio ouvilaha? Duvidamos.

#### RIO GRANDE.

Chegaram noticias desta provincia, que continuam a justificar a conveniencia da demissão do gabinete de janeiro, e até mesmo, que muito convirá, quanto antes, mudar-se o general barão de Caxias. Quem pôde supportar, que as brilhantes estrellas do sul, os joyens heróes estejam assim sendo constantemente perseguidos e batidos por um miseravel carioca? Canabarro, que ainda era o tutú, com que se mettia medo ás crianças, lá perdeu as roupas, com que se disfarçava, e tambem depois de perseguido por 40 leguas, sem nunca querer aceitar acção, lá debandou suas forças, para mais facilmente poder escapar. E' muito. Pois até Canabarro! não bastava, que continuadamente fosse vencidos Bento Gonçalves e Neto; até o Canabarro! E' demasiada insolencia,

Sr. barão! e louco de varrer foi o ministerio, que lá o mandou, e o ministerio que lá o conservou, e que, ou taes instrucções lhe deu, ou teve a audacia de lhe não dar nem-uma, de modo, que V. Exc. não dá um passo, que não seja uma victoria. Mas o ministerio já está mudado: o gabinete de março apenas mandou V. Exc. para o Rio Grande, foi logo demittido: contayamos nós, que segundo o costume geral do reino, seria V. Exc. logo substituido por outro; porém não aconteceu assim, que o gabinete de janeiro teve o descoco de lá o deixar ficar; pois por isso já pagou: apesar de toda a sua popularidade, apesar da maioria, que tinha nas camaras, apesar de serem alguns de seus membros honrados com a particular amizade do monarcha, e todos com a sua estima, taes voltas lhe demos, que o fizemos cahir. E agora espere V. Exc., que tambem lhe hade chegar a sua vez. Lá hade ir o Saturnino. E se V. Exc. quizer ficar sómente com o generalato ficará; e nesse caso elle lhe porá os estorvos; e se, o que contamos, V. Exc. se quizer retirar, não consentindo em tal deshonor, então lá irá um commandante d'armas á feição: e então tudo irá bem. Os inglezes são nossos amigos: os paspalhões da Joanna engolem as pilulas, que lhe damos, com tanto, que levem algum disfarce: é mettell-os em brios, que estão promptos para tudo. E com taes alliados a victoria é certa.

Estas palavras foram ouvidas a um dos da patriótica sucia do *Nacional*: pessoa que as ouviu, nol-as repetiu fielmente: e nós aqui as trasladamos em vulgar para conhecimento de todos, na certeza, de que se assim não foi, podia ser; e que se por consequencia excedemos os limites do real, não excedemos os do possível.

## VARIETADES.

### O BANQUETE DO CEMITERIO.

(Continuação do numero antecedente).

#### XII.

De repente, oh! prodigio novo! o som da viola das Hespanhas, acompanha o dobre do bronze religioso. O melodioso canto da moça arabe, morrendo por degrãos em seus labios mudou de rythmo e de notas. Um psalmo lhe é substituido. Agora canta o *Dies iræ*.

Horriavel estrondo de prolongados echos desperta os bandidos sobresaltados: o raio fendeu as nuvens. Longa serpente de fogo de raios arroxados apparece aos olhos dos convivas. Anda em roda da mesa, passa, brinca, foge.

Cheiro pestilente succede á luz phantastica. Arvore visinha faz-se pedaços: os manjares tomam côres azuladas: e o cyrio paschal apaga-se.

— Grande Deos! grita Bernardina, olhai.... olhai para o principe!

Hugo se atira para seu amo. Eudes, com todos os membros paralyzados tem o rosto livido e côr de chumbo do cadaver que o coveiro vai enterrar. Seus olhos estranhamente abertos, não podem mais fechar-se. Estão parados, e não vêem. A medulla está petrificada em seus ossos. Riso insolente e funebre pára em sua boca por toda a extremidade. Ferido pela immobildade em seu assento, vê, escuta, entende. São tres supplicios ao mesmo tempo. O miseravel ainda existe, porém conhece, que não existe mais.

#### XIII.

A tormenta não cessou. A consternação entrou no campo dos rebeldes fulminados pelo juiz supremo. Eudes,

levado para uma barraca, espanta os que delle se approximam. Bernardina é afastada.

A infeliz, a alguns passos do logar fatal, onde o principe agonisa, jaz prostrada com as faces no chão.

— Meu Deos! grita soluçando, meu Deos, tende del-le compaixão!

A cortina da barraca se abre. Ainda tochas!... as mesmas. Mas junto de um leito de morte, agora estão no seu logar.

O recinto está avermelhado, e não ha um sacerdote.

Um grito se ouve:

— Está morto.

FIM.

Algumas linhas terminavam este manuscrito: eram sentenças moraes.

Desgraçado do paiz, em que as vontades caprixosas do povo podem ser reconhecidas soberanas! Terreno mudado em arêa movidiça, que o menor choque faz desabar, então só pertence ás tempestades, e nada n'elle subsista mais, que ruinas. Não é mais a patria; é preza, e os genios do mal, são os que della se apoderam.

#### II.

A usurpação atirada ao meio de um reino, não governa, apenas reside; arvora sem raizes e sem ceva, fura e rasga o terreno; mas nem germina nem cresce.

#### III.

Falta de crenças, mofa de virtudes, amor de innovações, actividade sem futuro, paixão por dinheiro, sêde de desordens, impiedades, crimes, e escandalos: eis ahí em todo o seu esplendor os filhos da rebellião. Oxalá, que nos tempos futuros salve Deos os povos credulos dessas quedas, que se chamam regenerações, dessas perseguições, que se chamam tolerancia, e dessas tyrannias, que se chamam liberdade!

Para ventura de todos é preciso neste mundo aos governantes o direito, e aos governados a justiça. Tremei espoliadores! Deos vos vê e ouve. *D'Arincouri.*

## CORRESPONDENCIA.

*Sr. redactor.* — A freguezia da linda ilha de Paquetá tem uma escola de primeiras letras. Foi esta dirigida por um certo Fernando de tal, que por sobrenome não perca; mas, tendo esta obtido ir ser pedgogo dos aprendizes menores do arsenal de guerra, mandou o Sr. Vasconcellos, então ministro do imperio, para o logar um tal Venancio José da Costa. Ah! Sr. redactor: que miseravel! Mas em fim, deixemos esse pobre homem, e as suas qualidades, porque não vêem agora para o caso.

Este Venancio, occupava uma casa alugada; mas o proprietario, que entendeu, que a ideia de alugar trazia da parte do inquilino a ideia de pagamento, vendo que, ou se havia enganado, ou que o tal Venancio assim o não entendia, pol-o na andar da rua. Seja como fór, o que é certo é, que o tal sujeitinho ou não achou quem lhe alugasse outra casa, ou a não quiz alugar: (quem lh'a alugaria depois do que tinha feito o Sr. Venancio?) e por isso se metteu em uma falua com sua familia (trastes não, porque isso era cousa, que elle não possuia!) e ahí veiu calcurriando para a cidade, deixando a escola em abandono. Que elle não hade receber ordenado, isso é muito expresso, á vista da lei de 4 de outubro de 1831: mas com isso, que lucra a freguezia de Paquetá? nada: absolutamente cousa nem-uma.

Pede a boa razão, que em quanto o Sr. Venancio não recebe ordenado, fosse este dado a quem o substituisse. Provavel é, que se encontre quem não tenha duvida fazel-o, e assim não perder a mocidade. Pelos mappas, que devem existir na secretaria, é facil vêr, que não eram mui poucos os frequentadores da escola: mas todos ficam a olhar, porque ao Sr. Venancio aprouve não pagar aluguer de casa (só), e por consequencia, não ter quem lh'a alugue.

Queira publicar esta, para vêr se desperta a attenção do Sr. ministro do imperio, que assim lh'o pede o

Queixoso.